

Entre a homenagem e a celebração: a Imprensa construindo sentidos sobre a imigração

Tani Jacobsen Prellvitz¹

1. Programa de Pós-Graduação em Letras- Instituto de Letras - UFRGS, 91501-970, Porto Alegre-RS. E-mail: tjacobsen19@yahoo.com.br

Resumo. *Os habitantes do sul do país já estão habituados às festas anuais que celebram a vinda dos imigrantes e que atraem tantos turistas. Cabe-nos questionar, no entanto, quais são os sentidos sustentados e reiterados pela imprensa ao veicular reportagens sobre essas festividades. Qual é a "realidade" construída pela imprensa ao se referir à imigração e aos imigrantes, ou aos descendentes deles? E perguntamos mais: como os sentidos veiculados pela imprensa atualizam a memória, fazendo com o que é dito nos ressoe como a única possibilidade de dizer? Esta é, então, a proposta deste trabalho: com base nos pressupostos teóricos da Análise de Discurso, refletiremos sobre o discurso jornalístico e os sentidos que são construídos por meio dele. Para tanto, analisaremos matérias ainda recentes, veiculadas pelos jornais Correio do Povo e Zero Hora no decorrer do ano de 2004.*

Palavras-chave. *Análise de discurso; imprensa; memória; imigração.*

1. Apresentação

Vivendo no Rio Grande do Sul e sendo natural de Santa Catarina, acostumei-me às inúmeras festas anuais que celebram a vinda dos primeiros imigrantes, já que os preparativos e as solenidades que cercam esses eventos são amplamente divulgados pela Imprensa.

Devemos refletir, no entanto, sobre os sentidos sustentados e reiterados pela imprensa ao veicular reportagens sobre essas festividades. Interessa-nos, também, as memórias que são atualizadas durante esse percurso discursivo; memórias estas que fazem com que aquilo que é dito nos ressoe como sendo a única maneira de dizer

Para que possamos responder a estas questões, enfocaremos três noções teóricas essenciais às nossas reflexões: Formação Ideológica, Formação Discursiva e Memória.

2. Embasamento teórico

Nossas reflexões têm por base os pressupostos teóricos da Análise de Discurso de linha francesa, definida por seu fundador, o filósofo Michel Pêcheux, como sendo uma *disciplina de interpretação*, cujo objeto de estudo é o discurso, compreendido como sendo *efeito de sentido entre os interlocutores*. O

desenvolvimento desta teoria se baseia na articulação de três regiões do conhecimento - a lingüística, o materialismo histórico e a psicanálise -, desdobrando-se numa intrincada rede de noções teóricas interdependentes entre si. Isto nos permite conceber a Análise de Discurso como sendo mais do que uma perspectiva discursiva: é uma forma (possível) de compreender e de conceber o mundo.

2.1. Formação Ideológica

Em sua revisão teórica de 1975, realizada em conjunto com Catherine Fuchs, Pêcheux afirma que a região do materialismo histórico que lhe interessa é a da *superestrutura ideológica em sua ligação com o modo de produção que domina a formação social considerada* (1997:p.165). Ao fazer esta teorização, Pêcheux propõe a substituição da noção de *Aparelhos* por *Formações Ideológicas*.

Assim, as Formações Ideológicas são 'elementos' que se legitimam através da discursivização de suas práticas e desta forma, intervêm com força na luta de classes, formando um conjunto complexo em cada formação social. Isto porque as formações ideológicas mantêm, conforme Pêcheux (1997:p.145), relações de 'contradição-desigualdade-subordinação, já que *suas propriedades 'regionais' - sua especialização evidente - condicionam sua importância relativa (a desigualdade de suas relações) em função do estado da luta de classes na formação social considerada*. Desta forma, as formações ideológicas são a concretização da instância ideológica e, portanto, fornecem *os objetos ideológicos e a maneira de se servir deles* (ibid,p.146). Assim, compreendemos que *as palavras, expressões e proposições mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam, isto é, em referência às formações ideológicas nas quais essas posições se inscrevem* (idem:p.160).

Com base nisto, compreendemos a Imprensa como sendo uma Formação Ideológica, cujo objeto de especialização é a informação. Sob esta perspectiva, os 'veículos de informação' - os meios impresso, televisivo e radiofônico - constituem Formações Discursivas nas quais a Formação Ideológica da Imprensa se desdobra.

2.2. Formação Discursiva

Em *Semântica e Discurso* (1975), Pêcheux propôs a fundação de uma *teoria (materialista) dos processos discursivos*. Seu posicionamento advinha da concepção de assujeitamento proposta por Althusser, segundo a qual a ideologia precede o inconsciente, ou, dito de outra forma, quando nascemos os discursos já estão aí, produzindo sentidos, prontos para serem repetidos/transformados. É a ideologia, portanto, quem nos fornece a evidência dos sentidos. Assim, conforme Pêcheux (1975:160), *'todo mundo sabe' o que é um soldado, um operário, um patrão*, isto decorre de um *caráter material do sentido que se 'mascara' sob a 'transparência da linguagem'*.

O aspecto material do sentido foi exposto por meio de duas teses, das quais procuraremos resumir a seguir os aspectos essenciais:

a primeira tese afirma que o sentido de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição não existe 'em si mesmo', mas recebe seu sentido na formação discursiva em que é produzido; como conseqüência, as formações discursivas

representam '*na linguagem*' as *formações ideológicas que lhes correspondem* (1975:p.160). Ou seja, a formação discursiva é a materialização da ideologia;

a segunda tese propõe que *toda formação discursiva dissimula, pela transparência do sentido que nela se constitui, sua dependência com respeito ao todo complexo com dominante das formações discursivas* (ibid:p.162). Este todo complexo com dominante é submetido às relações de desigualdade-contradição-subordinação que as formações ideológicas mantêm entre si. Cada Formação Discursiva (FD) tem, então, um interdiscurso que lhe seria 'próprio', recortado ideologicamente, segundo a relação de forças resultante do estado da luta de classes e cuja materialidade consiste em dois efeitos: o efeito de encadeamento do pré-construído e o efeito de articulação.

As Formações Discursivas, então, estão no nível do pré-discurso (região onde os saberes se articulam), da mesma forma que os enunciados: são abstrações, *possibilidades de*. As formulações que são possíveis no âmbito de uma FD se materializam no intradiscurso e variam segundo a posição-sujeito ocupada por aquele que enuncia.

E, já que a delimitação das Formações Discursivas é um 'ato' teórico que cabe ao analista, salientamos que, no âmbito deste artigo, consideraremos os jornais Correio do Povo e Zero Hora como sendo diferentes posições-sujeito a partir das quais são discursivizados os saberes de uma mesma Formação Discursiva: a da Imprensa impressa.

2.3 Memória discursiva

A memória da qual trata a Análise de Discurso se diferencia de uma ênfase físico-psicologizante, já que esta teoria a considera sob um viés próprio, tratando-a como memória discursiva.

A memória discursiva pode ser compreendida como sendo *a repetição ou o apagamento dos elementos de saber de uma FD*, conforme as palavras de Freda Indursky, em seu livro *A Fala dos Quartéis e as Outras Vozes* (1997:p.43). A memória está, portanto, relacionada com os lugares sociais e com a(s) ideologia(s) que lhes são próprias. Assim, como os discursos e seus efeitos de sentido são resultados da interpretação, a memória que os constitui e atravessa é fragmentada, como também é fragmentada nossa apreensão da história.

Teoricamente, foi Courtine (1981^b:p.53) quem aprofundou os estudos sobre a memória, concebida como uma *categoria de memória* que opera no interior de uma FD. E cito: *a noção de memória discursiva concerne à existência histórica do enunciado no seio de práticas discursivas reguladas por aparelhos ideológicos*.

A memória discursiva pode ser compreendida como uma forma de repetição e, considerando-se que o discurso se articula a partir dos dois eixos, o horizontal e o vertical, também a memória se manifesta nestes dois níveis: no interdiscurso e no intradiscurso. Courtine chega a esta conclusão ao considerar as *formulações de origem* que são repetidas nas diversas formas de manifestação do discurso citado (uma das formas possíveis através das quais o repetível se instaura). Esta repetição de 'memórias' pode se dar de duas maneiras, ambas decorrentes do trabalho da categoria de assujeitamento. Na primeira delas, a memória aparece como *repetição de elementos em extensão*, passíveis de serem reconhecidos quando *consideramos um fragmento de discurso como determinado por um enunciado e aí tomando lugar*

(Courtine,1999: p.21). Neste caso, diz-se que a memória é *cheia, saturada* e o enunciado se repete, sem, no entanto, ser o *mesmo*, pois se realiza a partir de posições-sujeito e condições de produção diversas das que lhe deram 'origem'. Na segunda, há a *repetição vertical, na qual se repete um não-sabido, não-reconhecido, deslocado e deslocando-se no enunciado: uma repetição quer é ao mesmo tempo ausente e presente na série de formulações* (ibid, idem). Ausente, segundo o autor, por funcionar sob o modo do desconhecimento e presente em seu efeito. Esta memória é lacunar e remete para um 'espaço' onde, no dizer de Mariani (1998), *as interpretações são silenciadas*, podendo se manifestar sob a forma de fragmentos, silêncios e incisas.

3. Aliando a teoria à prática

Com o propósito de respondermos às questões que nos movem, e aliando teoria à prática, num movimento tão próprio à Análise de Discurso, nossa primeira análise terá como foco recortes retirados de notícias cujo tema comum era as inúmeras comemorações realizadas em virtude do Centenário da Imigração Judaica no Rio Grande do Sul.

Os recortes do jornal Correio do Povo relatam a homenagem prestada pela Assembléia Legislativa aos imigrantes judeus e seus descendentes. Já os recortes de Zero Hora fazem parte de um artigo enviado ao jornal pela Presidente da Fundação Israelita do Rio Grande do Sul. Todas as notícias foram produzidas e publicadas durante o mês de julho de 2004.

Assembléia realizou homenagem ontem

(...) relatou ainda a saga dos judeus no RS, desde a chegada das primeiras 38 famílias da Bessarabia para a Colônia Philipson, perto de Santa Maria, até a conquista das grandes cidades e a contribuição deste povo no desenvolvimento econômico, cultural e científico do Estado.

(Correio do Povo)

A comunidade judaica gaúcha prepara (...) uma intensa programação para homenagear seus antecedentes.

Esta é uma comovente história (...), quando um assustado grupo de 38 famílias, após uma longa viagem, vindo da longínqua Europa para o desconhecido Rio Grande do Sul, desembarca na pequenina estação da Colônia Philipson.

(Zero Hora)

Paul Henry, em seu texto *A história não existe?*(1997), afirma que "não há 'fato' ou evento' histórico que não faça sentido, que não peça interpretação, que não reclame que lhe achemos causas e conseqüências".(p.51,2).

Assim, as interpretações que realizamos e os sentidos que atribuímos aos fatos decorrem do nosso grau de identificação com a Formação Discursiva a qual nos filiamos, ou, dito de outra forma, as interpretações decorrem da eficácia do assujeitamento ideológico. Com base nisso, estamos diante de formulações que

produzem sentidos e reproduzem saberes, refletindo, portanto, os interesses em comum que estão em jogo.

Com base no que precede, podemos afirmar que estas formulações, embora produzidas a partir de posições-sujeito distintas e sob condições de produção próprias, reproduzem uma memória cheia, saturada, indicando-nos que, ao falarmos em *homenagens* e *comemorações* estamos repetindo saberes que constituem efeitos de memória. Pois, no ato da enunciação, cristalizam no imaginário os sentidos 'desejáveis', procurando impedir que outros efeitos de sentidos se manifestem. Assim, ficam 'esquecidos' outros saberes, outras interpretações (possíveis e prováveis) para um mesmo fato histórico.

Trazemos, a seguir, mais duas formulações que nos trazem, na prática, este processo de apagamento (provisório e limitado) de outras memórias.

O parlamentar lembrou a saga dos imigrantes judeus que vieram à América para fugir das perseguições que sofriram no Velho Mundo.
(Correio do Povo)

(...) Fugiam da discriminação, do preconceito, dos progroms, da miséria e das humilhações. (...) buscaram transformar seu sofrimento em liberdade, (...) em uma terra livre de preconceitos e anti-semitismo.
(Zero Hora)

Nestas formulações vemos a memória discursiva trabalhando conforme a perspectiva de Dornelles (2003): 'o que é trazido à lembrança faz com que outras versões de um acontecimento histórico sejam silenciadas' (p.42). Assim, quando nos dedicamos a compreender o processo discursivo, vemos que a memória trazida à tona por meio das (re)formulações silencia outros sentidos, outras interpretações que poderiam ser atribuídas ao fato histórico. Assim, ao dar ênfase à América como local de refúgio, ao falar em terra livre de preconceito e de anti-semitismo, ambos os discursos silenciam o fato de que o governo brasileiro, durante a Segunda Guerra Mundial, fechou suas fronteiras aos imigrantes judeus. E isto numa época em que a necessidade de abrigo foi premente e desesperada.

4. Os sentidos em movimento

Efetuamos nossa segunda análise com base em recortes de notícias publicadas pelo jornal Correio do Povo. O primeiro faz parte de uma que foi veiculada no dia 03 maio de 2004, cujo tema foram as celebrações realizadas pelos imigrantes poloneses do estado, conforme se segue:

Poloneses celebram colonização
A comunidade polonesa no Rio Grande do Sul celebra hoje o dia estadual dedicado aos imigrantes e descendentes da etnia.

O segundo recorte já foi foco de nossa análise anterior, tendo sido publicado em julho do mesmo ano, quando o jornal Correio do Povo publicou notícias sobre o Centenário da Imigração judaica no Estado:

Assembléia realizou homenagem ontem

(...) relatou ainda a saga dos judeus no RS, desde a chegada das primeiras 38 famílias da Bessarabia para a Colônia Philipson, perto de Santa Maria, até a conquista das grandes cidades e a contribuição deste povo no desenvolvimento econômico, cultural e científico do Estado.

Ao compararmos estes recortes, vemos sentidos em movimento: em uma mesma FD, um mesmo objeto, a imigração, é *falado* de maneira diferente, produzindo efeitos de sentidos diversos. No primeiro recorte, os poloneses fazem parte de uma etnia que *celebra a colonização*. Não há menção às dificuldades enfrentadas pelos imigrantes, nem tampouco às contribuições que realizaram. Mas apenas ao fato de que eles colonizaram parte do país.

No segundo, vemos outros sentidos sendo veiculados: é a Assembléia do Estado quem *homenageia a imigração judaica*, dando ênfase à contribuição deste povo para o desenvolvimento *econômico, cultural e científico do Estado*.

5. Concluindo

Três questões moveram esta reflexão sobre o discurso da Imprensa, compreendida como sendo uma Formação Discursiva com saberes próprios:

a) Quais são os sentidos sustentados e reiterados pela imprensa ao veicular as reportagens sobre essas festividades.

b) Qual é a "realidade" construída pela imprensa ao se referir à imigração e aos imigrantes, ou aos descendentes deles?

c) Como os sentidos veiculados pela imprensa atualizam a memória, fazendo com que o que é dito nos ressoe como a única possibilidade de dizer?

Nossas reflexões seguiram este caminho porque concordamos com Mariani (1998) quando ela afirma que "o que se escreve nos jornais são interpretações do mosaico que constitui historicamente uma formação social, mas não é um mosaico inteiro que se fala, apenas sua parte hegemônica. i.e., da parte que se impõe a ler" (p.105).

Deste *mosaico* de possibilidades interpretativas ao qual Mariani se refere, vemos que a Formação Ideológica da Imprensa determina a *construção de sentidos* para a vinda dos imigrantes, por meio da discursivização de certas memórias, em detrimento de outras que poderiam ser discursivizadas. Assim, a visibilidade de cada grupo é determinada e garantida pela abrangência de sua contribuição econômica, política e social. Assim, quanto mais *participativos* forem, maior será a visibilidade e a aceitação por parte do que a imprensa considera como *sociedade brasileira* (o que será isso?). O imigrante (e seus descendentes) passa a ser aceito e positivamente referido quanto maior for sua capacidade de contribuir com o Estado vigente.

Os fatores determinantes para que isto se dê, bem como para que memórias sejam silenciadas, são, principalmente, de ordem política. E compreendemos a política da mesma forma que Courtine (1999) a apresenta em seu texto *O Chapéu de*

Clémentis: o político se produzindo na ordem do discurso, como manifestação das 'línguas de Estado', que 'dividem em pedaços a lembrança dos eventos históricos, preenchidos na memória coletiva de certos enunciados, dos quais elas organizam a recorrência, enquanto consagram a outros a anulação e a queda.' (1999:p.16)

Assim, no caso da comemoração pelo centenário da imigração judaica, vê-se que, à proporção que suas contribuições se tornaram relevantes (e institucionalmente valorizadas), eles puderam marcar seu espaço, através de uma representação política expressiva. Tornaram-se visíveis, "integrados" à sociedade brasileira e positivamente referidos. Então, embora a imprensa continue referindo-se a eles como um *povo* (distinto do povo brasileiro, portanto), os sentidos que ela produz reiteram saberes, reproduzem memórias que ressoam como verdades absolutas, fazendo com que a vinda dos judeus para o Brasil se cubra com uma aura mítica, transformando-se em autêntica saga.

Os poloneses, por sua vez, procuram conquistar a visibilidade através de ações políticas, como a promulgação de um dia estadual para comemorar a vinda dos primeiros imigrantes. Este talvez seja um passo para que outras memórias sejam discursivizadas. Assim, é possível que a colonização que eles promoveram seja rememorada futuramente como sendo uma canção heróica, difícil e cheio de percalços.

Neste momento histórico, no entanto, estas diferenças sócio-político-ideológicas são evidenciadas discursivamente por *homenagens* que são feitas a alguns e por *celebrações* realizadas por outros. É, então, homenageando e celebrando que a imprensa produz suas leituras do mundo. E são elas que nos chegam diariamente, invadindo nossas casas, influenciando e, As investigações tomaram este rumo porque concordamos com Bethânia Mariani (1998), quando ela afirma que a imprensa produz leituras nada ingênuas sobre o mundo. E são essas leituras que nos chegam diariamente, invadindo nossas casas, influenciando e, muitas vezes, determinando os sentidos que atribuímos aos acontecimentos cotidianos que fazem a história.

Bibliografia:

COURTINE, Jean-Jacques. *Analyse du discours politique: le discours communiste adressé aux chrétiens*. In: Langages, Larousse. n°62, 1981.

_____. O chapéu de Clémentis. In: INDURSKY, Freda, LEANDRO FERREIRA, Maria Cristina (orgs.) *Os Múltiplos Territórios da Análise do Discurso*. Coleção Ensaios, vol.12. Porto Alegre : Editora Sagra-Luzzatto,1999.

HENRY, Paul. A História não existe? In: ORLANDI, Eni. (org.) *Gestos de Leitura: da história no Discurso*. Campinas : UNICAMP, 1997.

INDURSKI, Freda. *A Fala dos Quartéis e as Outras Vozes*. Campinas : Unicamp,1997.

MARIANI, Bethania. *O PCB e a Imprensa: os comunistas no imaginário dos jornais (1922-1989)*. Rio de Janeiro / Campinas : Renavan / UNICAMP, 1998.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio* (1975).
Campinas : Unicamp,1997.